

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA
27 e 30 de maio de 2022

CRONACA FAMILIARE / 1962

(Dois Irmãos, Dois Destinos)

Um filme de Valerio Zurlini

Realização: Valerio Zurlini / **Argumento:** Valerio Zurlini, Mario Missiroli, segundo o romance de Vasco Pratolini / **Fotografia:** Giuseppe Rotunno / **Direcção Artística:** Flavio Mogherini / **Música:** Goffredo Petrassi / **Figurinos:** Gaia Romanini / **Montagem:** Mario Serandrei / **Intérpretes:** Marcello Mastroianni (Enrico), Jacques Perrin (Lorenzo), Salvo Randone (Salocchi), Silvie (Avó), Valeria Ciangottini (Enzina), Serena Vergano (enfermeira do hospital).

Produção: Goffredo Lombardo, para Titanus/Metro / **Cópia:** Cinemateca Bolonha, 35mm, cor, com legendagem eletrónica em português, 112 minutos / **Estreia em Portugal:** Monumental, em 3 de Março de 1964.

Aviso: O genérico inicial e final do filme serão projetados sem som em virtude de problemas inerentes à cópia exibida.

Cronaca Familiare é a última parte da trilogia em que o realizador trata das questões da juventude confrontada com um mundo incerto onde o seu idealismo acaba por ser destruído ou “maculado” pela realidade, trilogia iniciada com **Estate Violenta** (1960) e prosseguida com **La Ragazza con la Valigia**, do mesmo ano, a que Zurlini vai buscar o intérprete para o seu Lorenzo da **Cronaca**: Jacques Perrin. Mas este filme faz também Zurlini regressar à sua primeira inspiração: o romancista Vasco Pratolini, a quem foi buscar o motivo do seu primeiro trabalho como director: **Le Ragazze di San Frediano**, em 1954.

O que interessa a Zurlini situa-se na área da família e das relações afectivas. **Cronaca Familiare** adapta uma novela, mais ou menos autobiográfica, de Pratolini que nos dá um retrato psicológico da Itália no tempo do fascismo. De facto poderia falar-se em “radiografia”, porque não são muitas as vezes que o cinema mostra um fulgurante poder de “revelar” através da mais quotidiana banalidade e rotina toda a complexidade política e cultural de um espaço de tempo e de um país (e lembramos, por um lado, **La Règle du Jeu**, de Jean Renoir, e, por outro, **Una Giornata Particolare**, de Scola, principalmente o segundo, não só por razões de nacionalidade, mas também de forma: o passado visto a uma certa distância, enquanto Renoir se dirigia ao seu próprio tempo). Tudo decorre entre o fim de duas guerras, com o nascimento e morte de Lorenzo, onde não custa ver uma espécie de projecção de um país doente e alienado da sua própria doença. A personagem de Enrico (Marcello Mastroianni) é não só testemunha da sua evolução, como também um retrato de uma outra Itália, que resistia (e sobrevivia) entre os germes doentios da outra, simultaneamente fascinado por ela, de certa forma um duplo da personagem que o mesmo Mastroianni interpretava no referido filme de Scola.

A primeira sequência interessa-nos particularmente, porque nos encontramos numa sala do jornal onde Enrico trabalha, "La Nazione", sala sombria e silenciosa, pouco fotogénica e o oposto mesmo das salas de imprensa que estamos habituados a ver através do cinema americano. Sala sombria (iluminação reduzida porque nos encontramos num momento difícil da guerra), algo suja, atmosfera que é reforçada pela fotografia fabulosa de Giuseppe Rotunno (discípulo do genial G.R. Aldo com quem trabalhou em **Senso** e cujo estilo recupera para este filme e para o seguinte, de Visconti, **Il Gattopardo**), a que apeteceria chamar uma fotografia de "alma", de tal forma são os estados emocionais e as teias de afectos que se pintam com os seus cromatismos (há uma tonalidade "doentia", como a das flores secas deixadas nos livros, ou as fotografias amarelecidas, que se espraia entre as velhas imagens familiares do genérico e o seu regresso no fim). Fotografia tão evanescente como a "vita breve" de Lorenzo. Essa imagem "vazia" corresponde a uma espera, que não se sabe mas se adivinha que é de morte. E esta chega através do segundo toque de telefone, que vem anunciar a Enrico o falecimento do irmão. Logo ao começo o tradicional esquema narrativo fica sem bases. O espectador sabe, logo à partida, qual vai ser o fim do filme, pois a sequência seguinte dá início ao flash-back evocatório da relação de amor-ódio, ao começo, e de compaixão por fim, de Enrico com o irmão. Para a primeira contribui a culpa que Enrico lhe atribui pela morte da mãe durante o parto e por uma distanciação quer da família quer de classe. De compaixão quando se lhe afigura a sua fragilidade, ser inocente lançado para um mundo sombrio cujas regras é incapaz de entender, deixando-se arrastar por fraqueza e conformismo de classe (a filiação nos "ballila", as juventudes fascistas), tratado como foi na satisfação de todas as necessidades, enquanto Enrico teve de sobreviver numa luta dura, trabalhando primeiro como tipógrafo e tornando-se depois jornalista.

Cronaca Familiare surge, desta forma, como uma espécie de elegia por um mundo prometido que as dificuldades impediram de se cumprir, dividindo irmãos, arruinando sonhos e esperanças, minando lentamente a saúde e a alegria de viver. Resta a celebração necrófila, a que nem Enrico ficará imune, não só pela evocação "a posteriori" do irmão, como dentro do flash-back, na impressionante sequência em que fala da mãe a Lorenzo moribundo: só a sua imagem no caixão lhe ficou gravada na memória. Nesta crónica aparentemente de família e íntima, fala-se, indirectamente (?), muito do estado de um povo e de uma época.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico